

Por que o Partido Socialista Holandês está em crise?

No final dos anos 2000, o Partido Socialista Holandês teve uma história de sucesso, tendo passado de um pequeno grupo maoísta para um partido de 50.000 membros. Mas uma cisão com sua ala juvenil e a discussão sobre uma coalizão com a direita desmoralizou os ativistas – e mostrou os perigos de um partido parlamentar ficar desmotivado dos movimentos trabalhistas e sociais.

O Partido Socialista Holandês (SP) foi durante muito tempo uma das histórias de sucesso da esquerda europeia. Tendo começado como um grupo maoísta nos anos 70, ele fez seu avanço na política nacional nos anos 90, mesmo enquanto os partidos comunistas entraram em colapso e a social-democracia abraçou o neoliberalismo em todo o continente. [1]

Por volta da virada do milênio, o SP se abriu aos movimentos sociais e se estabeleceu como um ponto de referência para ativistas de esquerda. Seus membros cresceram rapidamente e, no final dos anos 2000, tinha 50.000 membros – o dobro do número de 10 anos antes. Em 2006, ganhou mais de 16 por cento dos votos.

No entanto, apesar dos sucessos do SP no passado, hoje suas perspectivas não parecem boas. Com a Holanda marcada para uma eleição geral em março, o SP está dividido e incerto sobre como reverter seu recente declínio.

Apelo em decadência

O humor entre muitos ativistas do SP é pessimista. O número de membros diminuiu em 18.000 nos últimos dez anos, e o apoio do partido nas eleições nacionais caiu abaixo de 10%. Apenas quatro meses antes das eleições de março, a liderança do SP cortou o apoio à juventude do partido, R00D, acusando-a de

estar infiltrada pelos radicais comunistas e quebrando as regras do partido. Isto foi precedido por expulsões de vários ativistas que foram acusados de serem membros do Fórum Marxista e/ou da Plataforma Comunista, dois grupos ativos dentro do SP que a liderança rotulou de partidos políticos “rivais”. [2]

A dissidência contra tais medidas é generalizada – e no congresso onde o SP adotou seu programa para as próximas eleições, mais de um terço do partido expressou sua oposição a essas medidas. Este conflito entre a liderança e R00D aprofundou as divergências existentes sobre as avaliações da trajetória descendente do SP nos últimos anos, como ele pode se recuperar e quais devem ser suas prioridades.

Neste sentido, o SP enfrenta questões semelhantes às aquelas enfrentadas por outros partidos de esquerda da social-democracia, como quais alianças e compromissos podem beneficiar a política socialista a longo prazo – e em que condições um partido socialista pode assumir um papel no governo. Neste caso, o conflito entre R00D e a liderança do partido aumentou quando a organização juvenil publicou uma declaração afirmando sua oposição à entrada do SP em uma coalizão governamental com a direita.

Dado o grande número de partidos representados no parlamento, as administrações holandesas tradicionalmente consistem em coalizões de múltiplos partidos diferentes que juntos formam uma maioria. A atual liderança do SP declarou que está disposta a considerar coalizões com partidos de direita em hipotéticos futuros governos, inclusive com o VVD secular e pró livre-mercado do primeiro-ministro Mark Rutte. O SP já se juntou ao VVD em executivos locais e recentemente rompeu com os outros partidos de esquerda para apoiar uma lei ambiental controversa proposta pela administração.

Entender o que está acontecendo dentro do SP pode ser difícil. O partido tem uma estrutura notoriamente de cima para baixo,

em parte herdada de seus dias maoístas, e as facções e correntes organizadas são proibidas. Além disso, como o envolvimento do partido em executivos e conselhos municipais cresceu ao lado de seu próprio aparato, os membros de pleno direito que muitas vezes dobram como representantes eleitos e funcionários concentram cada vez mais informações e tomada de decisões em suas próprias mãos. A falta de um debate partidário ou de envolvimento da hierarquia e do arquivo significa que as políticas partidárias podem ser decididas por grupos pequenos e informais.

A posição do partido sobre a participação em uma coalizão governamental é um exemplo disso. Uma moção recente sustentando que deveria haver um debate no SP sobre esta questão foi rejeitada com o argumento de que era “muito cedo” para tal discussão. Mas logo depois disso, a liderança mudou sua posição sem discussão, pois passou de se opor a uma coalizão com o VVD para aceitá-la como uma possibilidade.

Eleições e movimentos sociais

As decepções recentes produziram o que podemos descrever amplamente como dois grupos diferentes entre os líderes de SP.

Um insiste em apresentar o partido como um parceiro confiável no governo para forças à sua direita. Como parte desta abordagem, o SP já entrou há alguns anos em executivos de nível local, como em Amsterdã, onde se uniu aos partidos de direita em uma coalizão excluindo o Partido Trabalhista. Outro grupo de líderes do SP, embora não se oponha em princípio a tais coalizões, insiste em um perfil mais ativista para o partido e adota uma retórica socialista mais tradicional.

A discordância entre tais “coalizacionistas” e “ativistas” é essencialmente uma questão de como o SP deve se apresentar aos eleitores; como um partido “responsável” adequado para o governo e operando dentro das restrições da política do establishment, ou como um partido de ativistas dedicados e

opositores.

A mais proeminente “coalizacionista” é Lilian Marijnissen, a presidente da bancada parlamentar do partido. Ela é filha de Jan Marijnissen, o líder do partido de longa data sob cuja liderança o SP se tornou uma força nacional. Um importante representante da abordagem “ativista” foi Ron Meyer, o ex-presidente do partido. Meyer, que antes era um organizador sindical, deixou sua posição no partido após o fracasso de sua campanha eleitoral europeia em 2019.

Mas apesar de suas diferenças, ambos os grupos estão concentrados nas eleições como a saída para a situação difícil do SP. A construção de movimentos sociais independentes como objetivos em si mesmos ou como parte de uma estratégia de longo prazo não fazem parte da visão de nenhum dos dois grupos.

Na verdade, muitos ativistas do SP sentem que a orientação atual do partido está isolando-o dos movimentos sociais. Isto se tornou especialmente pronunciado no que diz respeito às mobilizações em torno do racismo e das mudanças climáticas. O SP sempre foi fraco na questão do anti-racismo, vendo-o como uma questão secundária, mas sua ignorância na pauta anti-racista tem se tornado cada vez mais óbvia à medida que a questão tem crescido em importância na política holandesa.

A extrema-direita holandesa cresceu dramaticamente, alimentando e incentivando a islamofobia e outras formas de racismo. [3] Em resposta, o país viu mobilizações anti-racistas significativas e um maior debate político em torno do racismo. Mas o SP tem pouco ou nenhum papel em tais desenvolvimentos. Nos materiais educacionais, o SP contrapõe o que chama de “luta racial” à “luta de classes”. Protestos significativos que atraíram muitos jovens também aconteceram em torno da questão da mudança climática, mas também aqui o partido permaneceu distante. A participação é deixada em grande parte para as decisões dos capítulos locais, e para a

ROOD.

Para muitos, as preocupações com o racismo e a mudança climática são o início de uma politização mais ampla – mas a adesão ao atual SP não lhes pareceria uma opção lógica.

Quando o SP se destaca de tais mobilizações, isto não é por falta de meios. Ao contrário, esta é uma estratégia, motivada pela priorização dos resultados eleitorais e um cálculo do que a liderança do partido pensa que trará a maioria dos votos. Presume-se que as medidas anti-racismo e de mudança climática sejam muito “controversas” entre os eleitores (potenciais) do SP.

O ex-conselheiro do SP Mahmut Erciyas descreve esta estratégia como a tentativa de “combinar políticas sócio-econômicas progressistas com conservadorismo cultural”. Os membros do partido reclamam que as agências de marketing e os especialistas em relações públicas têm tido mais influência na determinação deste rumo do que os ativistas de alto escalão. Quando os membros conseguiram que o anti-racismo fosse declarado prioritário em um recente congresso do partido, isto teve pouco acompanhamento prático.

Erciyas foi durante anos vereador na cidade de Oss, um dos bastiões do SP, e a cidade onde Lilian e Jan Marijnissen iniciaram suas carreiras políticas. Oss é um reduto típico do SP: uma cidade de médio porte no antigo sul católico do país, com uma população predominantemente branca e sem uma forte tradição de esquerda.

A insatisfação com a atual orientação política do SP é especialmente forte nas cidades maiores e racialmente mais diversificadas, como em Roterdã (a segunda maior do país) e Amsterdã.

“A atual orientação política do SP é um beco sem saída, não se conecta com a realidade diversa da classe trabalhadora, especialmente como existe nas grandes cidades”, diz Erciyas.

Outros ativistas do SP criticam a orientação da liderança em termos semelhantes, dizendo que ela está tentando abordar uma versão caricatural e desatualizada do que é apenas um segmento da classe trabalhadora. Com propostas como exigir licenças de trabalho para pessoas de outros países da União Européia, o SP está “repetindo os erros que cometemos em relação aos migrantes trabalhistas turcos e marroquinos”, diz Erciyas. “Estamos tentando manter os trabalhadores poloneses fora, em vez de apoiá-los fortemente em sua luta por uma vida melhor”.

Entre os sindicalistas, o SP é, junto com o Partido Trabalhista, um dos partidos mais populares, mas também aqui o partido não é uma entidade forte e organizada. O SP dissolveu suas estruturas do chão de fábrica anos atrás.

De acordo com Gus Ootjers, um dos membros expulsos do SP, o partido perdeu a oportunidade de organizar os partidários da classe trabalhadora. “Há muitos membros do SP que também são sindicalistas ativos, mas a direção do partido não quer desenvolver uma estratégia sindical. O partido não está envolvido em desenvolvimentos e discussões no movimento sindical, e então reclama que sua orientação esta muito à direita”.

Uma estratégia fracassada

A priorização dos resultados eleitorais e a fuga de questões controversas significa que o partido parece não ter uma posição clara sobre questões políticas centrais. As tentativas do SP de construir um perfil político através de suas próprias campanhas, tais como em torno da saúde, não foram tão bem sucedidas quanto se esperava e foram desdobradas no trabalho eleitoral. [4] Já em 2006, pontos programáticos do SP que foram considerados como “rompedores de acordos” para possível participação governamental, como o republicanismo e a adesão à OTAN, foram removidos dos programas eleitorais do partido. As recentes expulsões são mais um passo para integrar o SP na política do establishment.

Uma questão sobre a qual o SP toma uma posição claramente diferente diz respeito à União Europeia. O SP adverte sobre um “super-Estado europeu” e exige o retorno de uma moeda nacional holandesa. No entanto, não tem uma visão alternativa para a cooperação internacional de esquerda e a atenção aos acontecimentos internacionais é limitada. O SP nunca aderiu ao Partido da Esquerda Europeia, que inclui forças como o Die Linke da Alemanha. Ao contrário, a liderança do SP enfatiza o Estado-nação holandês como sua estrutura política.

Nesta linha, antes das eleições europeias de 2019, o SP tentou apelar, nas palavras de seu ex-membro do Parlamento Europeu Erik Meijer, “aos outsiders irados”; pessoas que de outra forma se absteriam ou votariam no PVV anti-UE de Geert Wilders, de extrema-direita. Mas suas tentativas de mobilizar os sentimentos anti-UE não tiveram sucesso e perdeu as duas cadeiras no Parlamento Europeu que detinha desde 2004.

O apoio à proposta de apresentar o PVV como um parceiro potencial da coalizão, diminuindo suas exigências vem, em parte, de membros que participaram de executivos locais e regionais nos últimos anos. Mas tal pressão também vem de eleitores e membros comuns. Isto só é lógico, já que o SP não apresenta outras metas de longo prazo além da busca de bons resultados eleitorais e da união dos executivos com os partidos capitalistas.

Continua sendo improvável que o SP venha a se juntar a uma coalizão governamental após as eleições de março. Ao contrário, a ênfase da liderança em sua disposição de fazê-lo se baseia mais no pressuposto de que tal retórica é necessária para se apresentar como uma escolha aceitável.

Decisões como declarar que o SP está disposto a cooperar com o inimigo tradicional da esquerda, o VVD, ou abster-se de movimentos sociais e tratar o ativismo como uma ferramenta de campanha eleitoral, decorrem da orientação eleitoral do partido. Isto tem levado à insatisfação e à frustração entre

seus ativistas. Na última década, o número de membros diminuiu em mais de um terço e os conflitos recentes levaram a mais renúncias de membros zangados e desapontados.

Mudança de terreno

Mesmo em seus próprios termos estritamente eleitorais, a estratégia do SP não está funcionando. E as dificuldades que ela enfrenta vão mais fundo do que o que pode ser resolvido por uma campanha eleitoral bem sucedida ou por especialistas em relações públicas. O clima político tem se tornado mais conservador [5] ao lidar mal com a epidemia da COVID, e o atual primeiro-ministro Rutte continua muito popular.

Há também outras mudanças às quais o partido deve responder. A próxima crise econômica pós-pandêmica levará a novas rodadas de austeridade enquanto a filiação sindical está diminuindo fortemente. A mais importante federação sindical (FNV) perdeu sete por cento de seus membros em 2019. De todos os países da UE, a Holanda tem uma das mais altas porcentagens de trabalhadores em condições precárias. Mas os sindicatos estão falhando em atrair trabalhadores jovens e precarizados.

No entanto, mesmo enquanto o peso dos sindicatos diminuiu, novos movimentos sociais surgiram em torno do racismo e da ecologia, e pessoas de cor se tornaram mais organizadas politicamente em resposta ao racismo e à extrema-direita. O fato de o SP ter evitado importantes mobilizações sociais, sua estrutura rígida e sua hostilidade ao debate aberto o deixam pouco atrativo para os ativistas recém-políticos. Dentro do partido, os membros críticos temem que o SP perca a conexão com os ativistas mais jovens. A luta contra o R00D é uma ilustração dramática desse risco.

No passado, os sucessos do SP deram legitimidade à liderança. Mas como suas conquistas diminuíram, a insatisfação e a oposição só aumentaram. Alguns estão considerando votar em março no novo partido anti-racista Bij1 (“juntos” na pronúncia

holandesa), que também tem um programa econômico fortemente esquerdista. Os radicais no SP estão argumentando que, apesar de tudo, as pessoas devem permanecer no partido e tentar mudar seu rumo.

R00D continua suas atividades, enquanto exige que o líder do partido restabeleça os laços com a organização juvenil. Os membros do partido iniciaram uma campanha de ajuda financeira à R00D e também pedem que os vínculos entre as organizações sejam restabelecidos.

Os radicais no SP defendem uma orientação que priorize a oposição dentro e fora do parlamento, e uma agenda independente. Para isso, é necessário o envolvimento ativo nos movimentos sociais e a formulação de posições políticas que incorporem as questões dos movimentos e as demandas da classe trabalhadora.

Isto só pode ser bem sucedido se o SP trabalhar em conjunto e com outras forças. Nos últimos anos, o SP tornou-se, nas palavras de um ativista, “um partido de resolução de problemas”, focado em responder a questões políticas, mas sem alternativas próprias e com uma visão de longo prazo. Mas considerando a visibilidade limitada das ideias socialistas na Holanda, a luta ideológica sobre como a sociedade deve se parecer é urgentemente necessária.

A Holanda não é exceção ao padrão global, pelo qual erupções de raiva levam a mobilizações que podem então se dissipar com poucos vestígios. Isto coloca a necessidade de construir o que Alan Sears chamou de novas “infra-estruturas de dissidência”, “a amálgama de espaços, redes e instituições nas quais os ativistas desenvolvem suas capacidades para recuar contra o consenso de austeridade capitalista e o quadro estreito da política oficial”. Em vez de tentar apelar para um círculo eleitoral supostamente existente (que, como os resultados eleitorais estão mostrando, é limitado), o partido precisa tentar conquistar as pessoas para uma visão diferente.

É claro que se o SP persistir em seu curso atual, um maior isolamento e declínio são inevitáveis. Forçar mudanças na orientação será uma luta difícil. Considerando a fraqueza estrutural da esquerda, não há garantia de sucesso.

Notas

[1] See Alex De Jong October 2014 “Dutch Socialist Party from Sect to Mass Party”.

[2] Weekly Worker, 12 November 2020 “Bureaucratic control-freakery”, Communist Platform “About us”.

[3] Jacobin, 27 October 2020 “How US Neocons Inspired the Netherlands’ New Radical Right”, 25 March 2019 “The Decline of the Low Countries”.

[4] Jacobin “Fights We Can Win”.

[5] Alex De Jong, Jacobin, 14 March 2017 “The Right’s Model Nation”.